

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA

EUNICE TERESINHA GOMES CUNHA

**AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR
(PIM) NO TERRITÓRIO DA CRUZEIRO DO SUL**

PORTO ALEGRE

2024

EUNICE TERESINHA GOMES CUNHA

**AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DAS
CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR
(PIM) NO TERRITÓRIO DA CRUZEIRO DO SUL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof.^a Marilise Oliveira Mesquita

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

CUNHA, EUNICE TERESINHA GOMES
AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES E O IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROGRAMA
PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR (PIM) NO TERRITÓRIO DA
CRUZEIRO DO SUL / EUNICE TERESINHA GOMES CUNHA. --
2024.

27 f.

Orientadora: MARILISE OLIVEIRA MESQUITA.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Enfermagem, Curso de Saúde Coletiva, Porto Alegre,
BR-RS, 2024.

1. Família Multiespécies. 2. Saúde Única. 3.
Primeira Infância Melhor. 4. Desenvolvimento de
Crianças e seus Pets. 5. Vulnerabilidade
Socioambiental. I. OLIVEIRA MESQUITA, MARILISE,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

À minha Família por todo carinho, apoio, dedicação e por sempre acreditarem em mim. Especialmente meus filhos pelo suporte nestes anos de aprendizado.

A minha irmã Joice por estar ao meu lado desde o início deste curso e por me ajudar infinitamente sempre que precisei de algum suporte.

À minha querida orientadora Prof.^a Marilise, agradeço por todo carinho, atenção e por estar disponível sempre que precisei tirando minhas dúvidas, e principalmente por ter aceitado estar ao meu lado na conclusão deste curso.

Aos amigos que fiz nesta Universidade que com certeza ficarão para sempre comigo.

Aos professores da UFRGS por todos os ensinamentos, muito obrigada.

E a todos que de alguma maneira contribuíram na construção deste trabalho.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo observar a configuração das famílias com relação ao convívio com animais domésticos, e o impacto destes no desenvolvimento das crianças atendidas pelo programa Primeira Infância Melhor. Um olhar como sanitarista para as famílias multiespécies que é uma composição que agrupa animais humanos e não humanos como membros, e neste contexto familiar é importante destacar que essas interações podem trazer benefícios à saúde humana, assim como riscos, dependendo da forma como são cuidados e do ambiente em que estão inseridos, principalmente em periferias. Trata-se de uma pesquisa de observação participante, aplicada, qualitativa, com análise descritiva. A coleta de dados ocorreu durante as visitas domiciliares realizadas pela aluna entre os meses de dezembro/23 a janeiro/24. Tal estudo está dividido em 4 subtítulos: Território em Vulnerabilidade Socioambiental, A Abordagem da Saúde Única, Saúde Única e as Famílias Multiespécies nas Periferias e O programa Primeira Infância Melhor e o Desenvolvimento das Crianças e seus Pets. Diante do que foi observado durante o estudo a relação entre famílias multiespécies das periferias e seus animais de estimação é notável que eles têm sim, algum papel no desenvolvimento das crianças, nas áreas: cognitiva, sensorial, motora, e outras tantas que fazem parte do desenvolvimento intelectual de uma criança, trabalhadas junto ao programa PIM. E como alguns estudos na área concluem, as crianças em convívio com animais ficam mais sensíveis, solidárias, afetivas e com maior senso de responsabilidade.

Palavras Chaves: Família Multiespécies; Saúde Única; Primeira Infância Melhor; Desenvolvimento de Crianças e seus Pets

ABSTRACT

This study aims to observe the configuration of families in relation to cohabitation with domestic animals and the impact of these interactions on the development of children served by the Primeira Infância Melhor program. A sanitarian perspective is taken towards multi-species families, a composition that groups human and non-human animals as members. In this family context, it is important to emphasize that these interactions can bring both health benefits and risks, depending on how they are cared for and the environment they are in especially in peripheral areas. The research is based on participant observation, applied, qualitative, with descriptive analysis. Data collection took place during home visits conducted by the student between December/23 and January/24. The study is divided into 4 subsections: Territory in Socio-environmental Vulnerability, the Unique Health Approach, Unique Health and Multi-species Families in Peripheries, and the Primeira Infância Melhor Program and the Development of Children and their Pets. Based on the observations made during the study, the relationship between multi-species families in peripheral areas and their pets is noteworthy. It is evident that pets play a role in the development of children, particularly in cognitive, sensory, and motor areas, as well as other aspects integral to a child's intellectual development, all addressed within the PIM program. As some studies in the field conclude, children in contact with animals tend to become more sensitive, compassionate, affectionate, and exhibit a greater sense of responsibility.

Keywords: Multi-species Family; Unique Health; Primeira Infância Melhor; Child Development and their Pets

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
DSS	Determinantes Sociais de Saúde
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIM	Primeira Infância Melhor
OIE	Organização Mundial da Saúde Animal
OMS	Organização Mundial da Saúde
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USB	Unidade Básica de Saúde
USP	Universidade de São Paulo
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
SUP	Saúde Única em Periferias

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 REVISÃO DE LITERATURA	10
3.1 TERRITÓRIOS EM VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL	10
3.2 A ABORDAGEM DA SAÚDE ÚNICA	12
3.3 SAÚDE ÚNICA E AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES NAS PERIFERIAS	13
3.3 O PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS E SEUS PETS	15
4 METODOLOGIA	19
4.1 TIPO DE PESQUISA	19
4.2 COLETA DE DADOS	19
4.3 ANÁLISE DOS DADOS	20
4.4 PRECEITOS ÉTICOS	20
5 RESULTADOS	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO DAS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES	27

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo observar a configuração das famílias com relação ao convívio com animais domésticos, e o impacto desses no desenvolvimento das crianças atendidas pelo programa Primeira Infância Melhor (PIM) no território da Unidade Básica de Saúde Cruzeiro do Sul, situada na Rua Dona Malvina Acesso A, nº195, bairro Santa Tereza, Porto Alegre/RS.

A Vila Cruzeiro conforme dados da União de Vilas é um complexo de favelas formado por 60 vilas e está localizada nas proximidades dos bairros Santa Teresa, Cristal, Medianeira, Teresópolis e Nonoai, em Porto Alegre, com uma população estimada de 200.000 habitantes, distribuídos numa área de 200 hectares, bairro este, que liga a região central da cidade à zona sul.

O PIM, segundo apostila do módulo de Formação Introdutória de 2022, é uma política pública intersetorial de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância, que tem como objetivo apoiar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças, desde a gestação até os seis anos de idade, suas ações buscam fortalecer as competências familiares nas funções de cuidado, proteção e educação da criança, fomentar o acesso à atenção básica em saúde, à proteção social básica e à educação; e promover o desenvolvimento integral na primeira infância.

Depois da pandemia do Covid-19, em função do isolamento social, muitas pessoas foram em busca de adotar animais de companhia, principalmente gatos e cães. A adoção destes animais de estimação tornou-se uma saída para suprir a solidão decorrente do confinamento. Neste contexto familiar a proposta desta pesquisa justifica-se em conhecer na atualidade como se dá a relação entre famílias denominadas Multiespécies, com seus animais de estimação, e como estes podem desempenhar cada vez mais um lugar de destaque no desenvolvimento de uma criança.

Famílias multiespécies conforme define Alexandre (2021) é uma composição que agrupa animais humanos e não humanos como membros, e neste contexto familiar é importante destacar que essas interações podem trazer benefícios à saúde humana, assim como riscos, dependendo da forma que são cuidados e do ambiente

em que estão inseridos principalmente em periferias. Esses coletivos têm uma particularidade, estão conformados por indivíduos de diferentes espécies, que se relacionam entre si e com outros elementos do entorno, dando lugar a ambientes complexos nos quais as decisões políticas e as relações sociais não envolvem apenas os humanos (BAQUERO; FERNÁNDEZ; AGUILAR, 2021).

A questão socioambiental é muito importante para a saúde coletiva, pois é preciso repensar os fundamentos e desenvolver alternativas políticas, teóricas e práticas para organizar os elementos a partir de discussões, pesquisas e estudos, e assim chegar a uma abordagem transformadora que crie um desenvolvimento mais equitativo e sustentável para todos. Nesse sentido, a Saúde Única é um conceito que traz uma abordagem integrada e unificadora, que visa equilibrar e otimizar de forma sustentável a saúde de pessoas, animais e ecossistemas. A saúde única reconhece que a saúde dos seres humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o ambiente mais amplo (incluindo ecossistemas) estão intimamente ligados e interdependentes. A saúde humana tem enfrentado desafios, como o surgimento de doenças infecciosas, resistência antimicrobiana, segurança alimentar e a promoção de saúde por meio da integridade dos ecossistemas.

O presente trabalho propõe ressignificar saúde única, famílias multiespécies e o desenvolvimento infantil, frente às adversidades típicas das periferias. Assim, faz-se necessário repensar o que o Estado e outros órgãos podem oferecer a essas famílias, destacando que as necessidades, as particularidades e a complexidade das periferias devem ser consideradas nas políticas públicas inclusivas, e que essas, reconheçam as interações legítimas entre humanos e não humanos.

Diante do que foi apresentado, a questão da pesquisa é: as famílias em vulnerabilidade socioeconômica e ambiental convivem com animais de companhia/estimação? Esses animais estão no interior dos domicílios e têm contato direto com os integrantes das famílias, em especial com as crianças atendidas pelo PIM? A interação com os seus pets parece influenciar num melhor desenvolvimento cognitivo/motor/sócio afetivo dessas crianças?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Observar a configuração das famílias com relação ao convívio com animais domésticos, e se ocorre um impacto positivo no desenvolvimento das crianças atendidas pelo PIM no território da USB Cruzeiro do Sul.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

-Revisar algumas definições sobre vulnerabilidades socioambientais, abordagem de uma saúde única em periferias, famílias multiespécies e concluindo com o desenvolvimento cognitivo de crianças com animais de estimação.

- Descrever através da observação junto aos visitantes ACS, como as famílias multiespécies do estudo se relacionam com seus animais de estimação e as condições socioambientais encontradas em suas casas.

- Realizar uma análise inicial sobre os dados coletados como um meio de integrar os cuidados de saúde das famílias e de seus animais de estimação junto a rede de atenção básica de saúde.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste item serão abordados referências e conceitos bibliográficos que servirão de base para o estudo e desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 TERRITÓRIOS EM VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Foi no século XX no Brasil, que o processo de urbanização aconteceu com mais intensidade e acabou sendo uma das principais causas que fomentaram as problemáticas sociais, que envolveram, e ainda envolvem, o país até os dias atuais. Mesmo que esta urbanização tenha impulsionado o crescimento econômico, ela também favoreceu um cenário de injustiças e desigualdades. Tal processo tem como característica principal ter na construção das cidades, um meio de dominação no qual

explorar e enriquecer, eram prioridades maiores que cuidar e planejar o surgimento adequado das cidades (VASCONCELOS; CÂNDIDO; FREIRE, 2019).

Maricato (2002) relata que o aparecimento dos primeiros centros urbanos no Brasil se deu com os espaços de financiamento de comercialização dos bens primários da produção, como o açúcar (século XVI); do ouro (séculos XVII e XVIII); e com a produção de café (século XIX) como necessidade de um ambiente de comercialização desses produtos, que atendessem ao mercado europeu. Sendo o processo de urbanização se caracterizando nestas épocas como acelerado, desigual e concentrador, bem como diversificado e completo em virtude de ter acontecido de forma heterogênea nos variados territórios do país, o que acaba consolidando a expansão demográfica e o processo de terceirização da economia (SANTOS, 2013).

No entanto, só a partir da década de 1940, que se verifica uma inversão da população rural em urbana, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população urbana na época era de somente 31,24%. Já no censo de 2010 essa taxa alcança 84,36%. Ou seja, após 70 anos houve uma inversão quanto ao lugar de residência predominante da população brasileira.

Vasconcelos, Cândido, Freire (2019) afirmam que derivado da falta de um melhor planejamento urbano esse intenso e desordenado processo foi capaz de trazer uma série de impactos e consequências para as cidades, dentre as quais o aumento da violência nas cidades, a favelização, maior incidência de enchentes, os níveis de poluição e aumento do número de subempregos. Estes autores descrevem a vulnerabilidade socioambiental através dos riscos ambientais e sociais referentes aos problemas urbanos, ambientais e a relação do homem com o meio em que vive, verificando-se ser o elemento determinante na qualidade de vida do indivíduo. O lugar onde residem pode ser entendido como vulnerável ou exposto ao risco devido às formas de degradação ambiental nas cidades, pois, estão associadas à forma em que se dá a organização do espaço urbano.

Alves (2006) conceitua a vulnerabilidade socioambiental como a coexistência, cumulativa ou sobreposição espacial de situações de pobreza e privação social e de situações de exposição a riscos e/ou degradação ambiental. Sendo a coabitação de grupos populacionais que possuem baixo poder aquisitivo e privações com relação à renda, além de estarem inseridos em um ambiente com áreas de risco comumente

chamadas no Brasil de favelas. Portanto, a vulnerabilidade socioambiental seria a integralização de processos econômicos, sociais e de infraestrutura urbana relacionados à precariedade das condições de vida da população (trabalho, educação, renda, saneamento, mobilidade) com as condições ambientais, de saúde e de segurança pública.

3.2 A ABORDAGEM DA SAÚDE ÚNICA

A Saúde Única, um termo recente, trata de uma abordagem entre a saúde humana, animal e o meio ambiente, sendo uma evolução para o termo Medicina Única (*One Medicine*) adotado no século XIX. A terminologia é relativamente nova, mas suas bases filosóficas apoiaram-se no começo das civilizações humanas, onde já contemplaram e aplicaram a saúde única em várias ocasiões e formas.

Civilizações como a Mesopotâmia, China e Grécia antiga, já analisavam problemas, construíam pensamentos e realizavam aplicações práticas desde essa abordagem. No início do século XVII vários cientistas conseguiram observar a similaridade entre as doenças que afetam humanos e animais, sendo que até começos do século XX, a medicina animal e humana moderna eram praticadas separadamente. Falando no período recente, a utilização do conceito de saúde única ganhou impulso devido à crescente ocorrência de doenças infecciosas emergentes.¹

O conceito de saúde única foi proposto por organizações internacionais² como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), reconhecendo que existe um vínculo muito estreito entre o ambiente, as doenças em animais e a saúde humana. Segundo o Ministério da saúde a saúde única é:

Uma abordagem global multissetorial, transdisciplinar, transcultural, integrada e unificadora que visa equilibrar e otimizar de forma sustentável a saúde de pessoas, animais e ecossistemas. Reconhece que a saúde de humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o meio ambiente (incluindo ecossistemas) estão intimamente ligados e são interdependentes.

¹ MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde Única. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assunto/s/saude-de-a-a-z/s/saude-unica>>. Acesso em 03 novembro/23.

² CFMV. O que é Saúde Única. Disponível em: <<https://www.cfmv.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/folder-saude-unica.pdf>>. Acesso em 03 novembro/23.

Esta abordagem do Ministério da Saúde incentiva os diferentes níveis da sociedade a trabalharem em conjunto para satisfazer as necessidades coletivas de energia e ar, alimentos seguros e nutritivos e água limpa, combater as alterações climáticas e contribuir para o desenvolvimento sustentável. Além de operar a nível local, regional, nacional e global, reconhece a interligação entre pessoas, animais, plantas e o ambiente partilhado. Desta forma, problemas complexos na interface humano-animal-ambiente podem ser melhor resolvidos através da comunicação, cooperação, complementaridade, coordenação, organização e colaboração multidisciplinar.

3.3 SAÚDE ÚNICA E AS FAMÍLIAS MULTIESPÉCIES NAS PERIFERIAS

As periferias no Brasil denominadas de “favelas” são territórios com condições precárias de vida, onde as pessoas não têm acesso a alimentação e moradias adequadas, habitando muitas vezes locais de estrutura sanitária inexistente ou muito precária, facilitadora da propagação de diversas doenças, vistos como territórios marginalizados que carregam uma estrutura histórico-social marcada por um processo hierárquico de classes, grupos raciais e espécies, onde sua população tem direitos básicos muitas vezes negados ou subjugados perante o poder público e a própria sociedade (BERTANHE; BEZERRA, 2021).

O conceito de uma saúde nas periferias se distancia do conceito convencional de saúde única, pois trata de determinantes de bem estar e sofrimento de coletivos Multiespécies, além de mencionar a marginalização social como um determinante para a saúde. As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde (BUSS; PELEGRINI FILHO, 2007).

A Saúde única em periferias emerge como um marco epistemológico, ético e político, interessado por coletivos multiespécies marginalizados. Esses coletivos têm uma particularidade: estão conformados por indivíduos de diferentes espécies que se relacionam entre si e com outros elementos do entorno, dando lugar a ambientes

complexos nos quais as decisões políticas e as relações sociais não envolvem apenas os humanos (BAQUERO; FERNÁNDEZ; AGUILAR, 2021).

Saúde única em periferia a chamada Rede de SUP foi criada pelo Professor Dr. Oswaldo Santos Baquero que antes mesmo de ser professor acompanhava movimentos culturais e periféricos do município de São Paulo. Em 2017, já como professor, frequentava várias atividades na comunidade do Jardim São Remo, vizinha da USP³. Em 2019 foi elaborado um projeto para o primeiro edital do Programa Aprender na Comunidade da USP e foi assim que começou a se pensar na SUP, diante da dificuldade de conciliar a Saúde Única convencional, a saúde pública e a epidemiologia moderna com as realidades periféricas. A SUP também é uma rede de pessoas, projetos e instituições dedicadas à promoção da Saúde Única em Periferias⁴.

Saúde Única em Periferias (SUP) é um campo de práxis emergente, relativo à vivência, entendimento e transformação de coletivos multiespécies marginalizados. Os entendimentos da saúde definem o que está no campo da saúde, quem pode e deve tê-la, bem como o escopo e o tipo de práticas de saúde (BAQUERO,2021, pág.16).

A SUP percebe para além de crises políticas e econômicas, possivelmente uma crise civilizatória a ser superada, além de não pressupõe a ciência como empreendimento neutro em busca da verdade, ela compreende a ciência como instituição social sujeita a diversos interesses e a usa junto a outros saberes em favor do bem viver de coletivos multiespécies periféricos. Sato (2021) destaca a necessidade de uma abordagem multiespécies e de saúde única, uma vez que os cuidados nas comunidades, não envolvem apenas humanos, mas também animais e o meio ambiente.

Alexandre (2021) define a família multiespécies como uma composição que agrupa animais humanos e não humanos como membros, e neste contexto familiar é importante destacar que essas interações podem trazer benefícios à saúde humana, assim como riscos, dependendo da forma que são cuidados e do ambiente em que estão inseridos principalmente em periferias. Uma família multiespécies é, portanto, aquela formada pela unidade familiar humana que convive com seus animais de

³ USP - Universidade de São Paulo: Universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação.

⁴ Dados disponíveis no site <<https://www.saudeunicaemperiferias.com/pt/sobre-pt>>. Acesso em 11 de novembro/2023.

estimação, o que exige que os animais de estimação sejam considerados membros da família com vínculo afetivo entre humanos e animais.

Souza (2021) em sua pesquisa na comunidade São Remo em SP para o livro *Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias* que serviu de base a este estudo afirma que [...] os laços que os moradores criavam com os animais dentro e fora de suas casas era de companheirismo, solidariedade e ajuda mesmo em meio às dificuldades da periferia. Silva (2021) para o mesmo livro, mas no bairro Keralux, também na periferia de SP, afirmou que durante a pesquisa no território conheceu diversas famílias com as quais predominavam famílias multiespécies, e que lhe chamou bastante a atenção a recorrente relação de profundo afeto entre algumas pessoas e seus animais, evidenciando como os animais são parte integrante e importante das famílias.

Frente à diversidade das periferias, suas famílias multiespécies e o afeto pelo qual se constituem, faz-se necessário pensar: o que o Estado e outros órgãos podem oferecer a essas famílias, destacando como as necessidades, as particularidades e a complexidade das periferias devem ser consideradas em políticas públicas inclusivas para humanos e não humanos.

3.3 O PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA MELHOR E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS E SEUS PETS

Estudos científicos têm consistentemente revelado que as experiências vivenciadas na primeira infância desempenham um papel crucial no desenvolvimento integral da criança, tornando-se necessário investimentos em políticas públicas que possam trazer resultados positivos para esta fase, surgindo assim o programa Primeira Infância Melhor (PIM) no qual passou a oferecer ações colaborativas às famílias durante esse processo.

O PIM segundo o módulo de Formação Introdutória de 2022 é uma política pública intersetorial de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância, que tem como objetivo apoiar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças, desde a gestação até os seis anos de idade. Inspirado na experiência cubana do Programa *Educa Tu Hijo*, o

PIM foi adaptado para a realidade local e implantado no Rio Grande do Sul em 2003, tornou-se lei Estadual nº 12.544, em 03 de julho de 2006. Os municípios podem optar por participar voluntariamente do programa, firmado por meio de acordos com o governo estadual. Nesse contexto, a administração municipal é responsável por apoiar o programa, disponibilizando locais para a realização das atividades, contratando e capacitando profissionais para as visitas domiciliares e oferecendo infraestrutura nas comunidades envolvidas, e o Estado fornece assistência técnica e supervisiona a implementação do programa (DENBOBA *et al.*, 2014).

Ao longo de seus 20 anos, o PIM já acompanhou mais de 67 mil gestantes, 288 mil crianças e 245 mil famílias no RS.⁵ O público-alvo para atendimento do PIM são famílias com gestantes e/ou com crianças menores de seis anos de idade, sendo prioritário o atendimento às famílias em situação de vulnerabilidade; com gestantes e com crianças menores de 3 anos de idade. Compreende-se por famílias em situação de vulnerabilidade aquelas que estão expostas a diferentes fatores sociais, culturais, individuais, históricos e econômicos, que incidem de forma desigual sobre o desenvolvimento integral infantil.

As ações do PIM segundo o site da Atenção Básica no RS buscam fortalecer as competências familiares nas funções de cuidado, proteção e educação da criança, fomentar o acesso à atenção básica em saúde, à proteção social básica e à educação; e promover o desenvolvimento integral na primeira infância. As tecnologias de intervenção são as visitas domiciliares e a ludicidade como meio para o desenvolvimento integral na primeira infância. A prática lúdica, proposta através do brincar e dos jogos, é orientada para o estímulo de quatro eixos do desenvolvimento infantil: cognitivo, motor, sócio afetivo, linguagens e comunicação.

Para promover este desenvolvimento da criança é necessário olhar de forma mais ampla para as condições de vida das suas famílias, tendo em conta uma série de outros aspectos como o ambiente, a cultura e as relações que são construídas pela família. Conseqüentemente, é necessário examinar os fatores de proteção e de risco que permeiam a vivência desta criança atentando-se para o ambiente em que vive; relações familiares; condições de habitação e higiene; trabalho e renda familiar;

⁵ Primeira Infância Melhor. Disponível em < <https://atencaobasica.saude.rs.gov.br/primeira-infancia-melhor>>. Acesso em 06 de dezembro/2023.

Comida segura; redes de apoio; relações emocionais; identificação ou não da família com o território, ou seja, diversos fatores que afetam direta ou indiretamente a promoção do desenvolvimento integral da criança⁶.

Mori (2018), o simples contato de uma criança com um animal pode evocar emoções que muitas vezes ainda não são exploradas. Condição que requer acompanhamento de diversos especialistas, para que as manifestações possam atuar em benefício do desenvolvimento da criança. Segundo Oakes⁷ (2022) estudos sobre os efeitos positivos dos animais de estimação nas crianças ainda estão em andamento. Eles ressaltam que os animais de estimação podem afetar as aptidões sociais, a saúde física e até o desenvolvimento cognitivo das crianças. Cuidar de animais está associado a níveis mais elevados de empatia. E para crianças com autismo e suas famílias, cuidar de animais de estimação pode ajudar a reduzir o estresse e criar oportunidades para formar relacionamentos de apoio.

Quando as crianças convivem e brincam com os animais, cria-se uma fonte de relaxamento, pois são liberados muitos hormônios correspondentes a esse sentimento. Essa convivência é um novo método de aprendizagem infantil que estimula a imaginação e a curiosidade da criança (LENARES; OLIVEIRA 2022).

Essa pluralidade de fatores e dimensões envolvidas no desenvolvimento infantil se expressam nas vivências e nos comportamentos dos bebês e das crianças, nos modos como agem, reagem e interagem com objetos, pessoas, situações e ambientes. Também influenciam como a gestante significa a sua gestação e como constrói vínculo com o bebê ainda intraútero. (BRASIL, 2016, p. 21)

Tatibana e Costa-Val (2009) concluíram que é notório o desenvolvimento da criança que convive com animais, já que elas se tornam sensíveis, solidárias, afetivas e com maior senso de responsabilidade, melhor compreensão e melhor entendimento com o ciclo vida-morte. Porto e Cassol (2007) também afirmam em seus estudos que o convívio com os animais estimula a interação social, melhora o sistema imunológico,

⁶ Informações do Módulo 2 para Formação Introdutória do PIM, 2022.

⁷ OAKES, Kelly. Artigo para BBC News Brasil sobre Como animais de estimação estimulam cérebro das crianças. 2022. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61932265>>. Acesso em 15 de dezembro/2023.

autoestima, apresentando uma melhora no processo de aprendizagem com a expressão de sentimentos e a motivação.

De acordo com Fodstad *et al.* (2019) quando as crianças brincam com cães ou gatos, se origina uma fonte de calma e relaxamento, bem como um estímulo para o corpo e o cérebro. Brincar com animais é um novo mundo de aprendizagem para as crianças, pois estimula a imaginação e a curiosidade

Existem estudos que comprovam que acariciar e falar com um gato contribui para a redução da pressão arterial, fazer carinho em um animal reduz a ansiedade, ajuda crianças com dificuldades de aprendizagem, assim como idosos depressivos e doentes físicos e/ou mentais e produz uma reação hormonal (produção de serotonina) que ajuda no combate à depressão (GODOY; DENZIN, 2007 p.15).

Segundo a psicóloga Marine Cortez, os animais de estimação podem inspirar tudo, desde a responsabilidade até a importância da rotina em termos de cuidados básicos e outros desenvolvimentos. “É importante que elas vejam isso (dar água, comida, higiene, etc.) como responsabilidades. Precisam saber que há hora para comer, tomar água e até mesmo brincar. Certamente um cão tem a capacidade de fazer a diferença no desenvolvimento das crianças”, enfatizou. Mas além da responsabilidade também ajuda em outros assuntos, segundo enquête publicada na revista *Pediatric Research*, ter um animal de estimação pode ajudar na evolução emocional e social dos pequenos, principalmente daqueles cujos pais são muito ocupados e têm pouco contato com outras crianças.

O *Comité Nacional de Prevención de Lesiones de la Sociedad Argentina de Pediatría*⁸ afirma que os animais de estimação estabelecem vínculos de apego com as crianças e a relação é positiva nos aspectos afetivos, no fortalecimento da personalidade e na promoção da autoestima e no desenvolvimento cognitivo.

A interação das crianças com os animais facilita o seu desenvolvimento emocional e cognitivo. No primeiro, a criança se socializa com mais facilidade, troca amor e promove responsabilidade e autoestima; no nível cognitivo, os animais incentivam a criança a aprender mais sobre eles, por exemplo, o que comem, quando

⁸ Para o artigo *Consenso: niños y mascotas/ Consensus: children and pets*, 2020. Disponível em: <https://www.sap.org.ar/uploads/consensos/consensos_consensos_ninos-y-mascotas-109.pdf>. Acesso em 20 de dezembro/2023.

estão com frio, seu temperamento, entre outros fatores que auxiliam no desenvolvimento da criança principalmente relacionados à esfera pessoal (CERQUERIA, 2013; MYNATOYA *et al.*, 2021).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de observação participante, conforme instrumento em apêndice A. Para Marconi e Lakatos (2017) a pesquisa de observação participativa consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo.

Para atender ao objetivo deste estudo, que é observar a configuração das famílias com relação ao convívio com animais domésticos, e o impacto destes no desenvolvimento das crianças atendidas pelo PIM no território Cruzeiro do Sul, foi escolhida a natureza da pesquisa como aplicada, que segundo Gil (2017) são pesquisas voltadas à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica.

Prodanov e Freitas (2013) dividem as pesquisas quanto à natureza, aos objetivos, aos procedimentos e à abordagem. Esta pesquisa trata-se da abordagem do problema de uma pesquisa qualitativa que tem o ambiente como fonte direta dos dados, o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”

4.2 COLETA DE DADOS

A visitadora do PIM irá, durante as visitas domiciliares ordinárias, observar as seguintes questões abaixo:

- 1- Existem animais de companhia ou domésticos no domicílio?
- 2- Esses animais interagem diretamente com as crianças?
- 3- Em que frequência do dia esses animais têm contato direto com as crianças?
- 4- As crianças brincam com esses animais?

5- Os animais saem pra rua? (risco de zoonoses para as crianças)

6- Os animais apresentam visivelmente ectoparasitas (pulgas, carrapatos e sarna)

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Análise descritiva da observação participante, e pelo método de análise de conteúdo de Bardin. Para Bardin o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

4.4 PRECEITOS ÉTICOS

O estudo não prevê entrevista ou intervenção com as famílias além da proposta do PIM, o qual a entrevistadora está habilitada para tal. Não ferindo os preceitos éticos, e não necessitando de comitê de ética para o desenvolvimento.

5 RESULTADOS

Para este estudo foram observadas 36 famílias pertencentes a USB Cruzeiro do Sul e atendidas pelo programa do PIM que possuíam animais de estimação no domicílio. A observação foi realizada junto às equipes do posto composta por vezes por um médico de família, uma técnica de enfermagem, um agente comunitário de saúde e a aluna como visitadora do PIM, ou somente a técnica de enfermagem, ACS e a aluna. As visitas normalmente são previamente agendadas na Unidade de Saúde, pelas famílias conforme disponibilidade das equipes. O instrumento para guiar a observação participante e que serviu de base para os resultados atingidos está descrito no Apêndice A deste estudo. As visitas foram realizadas em turnos diversos ora pela manhã, ora à tarde conforme agendamentos.

A observação foi realizada pela aluna entre os meses de dezembro/23 e

janeiro/24, totalizando 36 famílias conforme abaixo:

- Semana de 18 a 22/12/23: 10 famílias
- Semana de 26 a 29/12/23: 8 famílias
- Semana de 08 a 12/01/24: 12 famílias
- Semana de 22 a 26/01/24: 6 famílias

De acordo com a observação, a grande maioria das casas tinham como animais de estimação cães e gatos (75% somente cães, 22% somente gatos, 19% cães e gatos, 3% nem cães e nem gatos). Uma família chamou a atenção por ter um papagaio, e outra além dos cães tinham criação de galinhas, onde o odor e a matéria orgânica eram bem visíveis. Destas famílias do estudo somente em 3 % delas os animais não interagem diretamente ou brincavam com as crianças, sendo estes cães mantidos com intuito de proteção de pátio, em ambos os casos, os animais não tinham acesso ao interior das casas.

Quanto à questão de os animais terem acesso à rua, 87% deles tinham sim acesso, muitos vivem soltos pelas casas e com acesso a rua livremente, ficando assim mais suscetíveis a doenças e trazendo riscos de zoonoses as crianças, pois posteriormente estes interagem com as crianças dentro das casas. Os animais observados junto às famílias aparentavam ter ectoparasitas em 81% das casas, como pulgas e carrapatos, além de alguns casos, ainda apresentarem provavelmente, sarna, pois, se coçavam sem parar e tinham a pele machucada. Mas em 19% das casas estavam bem cuidados, cheirosos e aparentam estar bem de saúde.

Ao observar esse contato direto entre as famílias e os animais é muito nítido o vínculo familiar desenvolvido. Nos lares eles ocupam espaço de membro da família, muitos dormem dentro das casas, por vezes até nas camas juntos com as crianças ou dentro do mesmo cômodo em algum cantinho. Durante as visitas percebe-se de forma muito consistente que há interações emocionais, psicológicas e físicas entre as crianças e os animais. Fazendo com que seu convívio seja bastante benéfico, como em um caso em que, numa conversa com uma mãe, durante o atendimento junto a equipe da USB, ela relatou que a filha, uma criança de 3 anos, era muito tímida, nasceu em plena pandemia, e não tinha contato com outras crianças, e mesmo após começar na creche a menina não conseguia se relacionar com os amiguinhos. Porém,

a mãe notou que ela melhorou bastante após adotarem um cachorrinho que apareceu na sua porta, a menina aprendeu a socializar com o cachorrinho em casa durante a pandemia, ela dormia juntinha com o pet, gostava de ajudar a dar a comida, a dar banho, e após meses de convivência entre ambos, a mãe notou uma melhora de comportamento social, inclusive na creche passou a conversar mais, e hoje tem vários amiguinhos, a mãe disse que ela é muito próxima do cãozinho, que deu o nome de Lucas. As crianças observadas nas atividades do PIM se posicionaram próximas dos seus cães e gatos, interagindo livremente, pulando e correndo atrás deles, brincando e tendo uma relação de afeto bem próxima.

Os ambientes de visita são casas bem simples, muitas de madeira, sem grandes comodidades, muitas têm famílias com muitos adultos e crianças vivendo em poucos cômodos, os ambientes por vezes sem piso, com grandes aberturas, algumas com rebocos mal acabados ou caindo, mas mesmo com todas as dificuldades, os cães estão lá no convívio familiar, dividindo o mesmo ambiente, a mesma comida e tendo sim um papel no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, como as trabalhadas pelo PIM junto às famílias e as crianças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi observado durante o estudo, a relação entre famílias multiespécies das periferias é notável, e é possível afirmar que os animais dessas famílias têm sim algum papel no desenvolvimento das crianças, seja na área cognitiva, sensorial, motora, e outras tantas, que fazem parte do desenvolvimento global das crianças trabalhadas junto ao programa PIM. E como alguns estudiosos da área concluem, as crianças com Pets são mais sensíveis, solidárias, afetivas e com maior senso de responsabilidade.

Percebi nas visitas que acompanhei, que os animais de estimação têm real importância no desenvolvimento das crianças, eles tiveram um papel importantíssimo durante e após período pandêmico, onde famílias ficaram isoladas do convívio social, e foi necessário criar novos meios de convivência para as crianças que não podiam frequentar as creches e escolas, não podiam brincar com outras crianças, os cães e gatos, acabaram por se tornarem seus grandes amigos de brincadeiras e sendo

assim, eles têm sido peça importante no desenvolvimento intelectual e sócio afetivo delas.

Com um olhar atento ao território nas andanças se percebe que é uma comunidade bem carente, com muitas vulnerabilidades socioambientais que o governo não consegue alcançar, o índice de violência neste território é bem alto, há bastante vielas com lixo acumulado, pois o caminhão de recolhimento de resíduos da prefeitura não chega nos becos da comunidade, somente algumas ruas principais, então se tem muito acúmulo de lixo nas entradas das ruas secundárias e isso possivelmente propicia um alto grau de contaminação por dejetos orgânicos em decomposição, além de vários outros tipos de resíduos. Os animais das famílias que têm livre acesso à rua podem se contaminar e levar doenças à família e principalmente às crianças. Carrapatos, pulgas, bicheiras, sarna são fáceis de se observar nos animais que perambulam pelas ruas da comunidade, há sim uma quantidade elevada deles, muitos se reproduzindo sem controle algum, tornando-se transmissores de doenças a toda comunidade e se tornando um problema para ser resolvido por políticas públicas adequadas às estas zonas, que de fato traga uma solução a estes problemas.

Esta experiência no PIM me trouxe uma visão mais ampliada e humanizada, pois trabalhar em comunidades altamente vulneráveis com tantos aspectos socioambientais e socioeconômicos a desejar, perceber que as políticas públicas não chegam aos mais necessitados, é bem difícil, muitos colegas quando chegam a ver o território desistem por medo, pois é um território muito violento, mas os que conseguem como eu continuar, com toda certeza se torna um profissional mais qualificado e empático.

Como sanitarista acredito ser possível atuar de diferentes maneiras junto a estas comunidades para realmente promover a integralidade de cuidados junto às famílias multiespécies e contribuir de forma efetiva. Para começar deveria haver um programa contínuo de promoção de saúde, alertando a comunidade sobre os riscos à saúde que correm os animais ao andarem soltos pelas ruas e após conviverem com as famílias dentro das casas. Deveria haver equipes interdisciplinares para desenvolver ações mais efetivas de castrações, de limpeza de ruas, de como tratar e descartar resíduos. Unidades de saúde, lideranças comunitárias, escolas, médicos

veterinários, enfim todos profissionais atuando juntos em favor de promover a saúde única nestas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, YS. Saúde coletiva e as famílias multiespécies nas periferias urbanas Yasmin da Silva Alexandre. In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 64-79.

ALVES, HPF. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. Revista Brasileira de Estudos de População. vol.23; nº 01; São Paulo janeiro/junho,2006.

BAQUERO, O.S. Apresentação: periferias do saber, urbanas e animais. In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021,13-42.

BAQUERO, O. S.; FERNÁNDEZ, M. N. B.; AGUILAR, M. A. From modern planetary health to decolonial promotion of one health of peripheries. *Frontiers in Public Health*, [s.l.], v. 1, n. 9, p. 1-10, 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2021.637897.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 2011. São Paulo: Edições 70.

BERTANHE, Mayara. “Política da morte”, educação e saúde: o que estão fazendo com nossas vidas? In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 287-297.

BEZERRA, R.F. A marginalização dos coletivos multiespécies nas periferias urbanas. In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 131-135.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes de estimulação precoce crianças de zero a 3 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, 2016. Disponível em:https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_estimulacao_crianças_0a3_anos_neuro_psicomotor.pdf. Acesso em 20 dezembro/2023.

BUSS, P. M; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.17, n.1, 2007 p. 77-93. ISSN 1809-4481.

Disponível em: < <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19550>>. Acesso em 08 novembro/2023.

CERQUEIRA, M. R. S. B. Contributo para a compreensão da importância da relação entre crianças e animais: Um cão no jardim-de-infância. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em mestre em Educação Pré-Escolar. Lisboa, 2013. Disponível em: < <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13902/1/CERQUEIRA%20Maria%202013.pdf>>. Acesso em: 22 dezembro/2023.

DENBOBA, Amina D. *et al.* Intensificando o desenvolvimento da primeira infância. Investindo na primeira infância com grandes retornos. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. São Paulo. 2014. Disponível em: < <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/intensificando-o-desenvolvimento-da-pi/>>. Acesso em 15 dezembro/2023.

FODSTAD, JILL C; BAUERS, JODI; SEXTON, MELISSA; BUTLER, MELISSA; KARLSSON, CASSIE; NEFF, MALLERY. Development of an animal-assisted activity program on a pediatric behavioral health unit. Volume 36, August 2019, Pages 153-157. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31383432> Acesso em 22 dezembro/2023.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017. ISBN 978-85-97-01292-7.

GODOY, A.C.S.; DENZIN, S.S. Atividades Assistidas por animais: aspectos revisivos sob um olhar pedagógico. Rev Cienc Vet., p.14-22, 2007.

LENARES, Bruna; OLIVEIRA, Janaina S. A Importância do Animal de Estimação no Desenvolvimento Infantil. Id on Line Rev. Psic. Maio/2022, vol.16, n.60, p. 1065-1073, ISSN: 1981- 1179.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. A. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: < <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4387883>>. Acesso em 15 de novembro/2023.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, VAINER, MARICATO. A cidade do pensamento único: desmanchando consensus. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2022,121-188.

MINATOYA, Machiko; IKEDA-ARAKI, Atsuko; MIYASHITA, Chihiro; ITOH, achiko; KOBAYASHI, Sumitaka; YAMAZAKI, Keiko; AIT BAMAI, Yu; SAIJO, Yasuaki; SATO, Yukihiro; ITO, Yoshiya; KISHI, Reiko. Association between Early Life Child Development and Family Dog Ownership: A Prospective Birth Cohort Study of the Japan Environment and Children's Study. Int. J. Environ. Res.Public Health 2021, 18(13). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl34281019>. Acesso em 20 de dezembro/2023.

MORI, C. O papel dos animais dentro da terapia. In: SOARES, D. F. G.; et al. (orgs). Terapia assistida por animais: teoria e prática. Caratinga: FUNEC Editora, 2018, p.452. Disponível em: <<https://www.andressachodur.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Livro-Taa.pdf>>. Acesso em: 22 dezembro/2023.

PORTO, R.T.C.; CASSOL, S. Zooterapia uma lição de cidadania: O cão sociabilizador e a criança vítima de violência intrafamiliar. Rev Disc Jur., v.3, n.2, p.46-74, 2007.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico [recurso Eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2º ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: < <http://bibliotecasfespsp.blogspot.com.br/2013/11/download-do-livro-metodologia-do.html> >Acesso em 06 novembro/2023.

SANTOS, M. A Urbanização Brasileira. 5ª edição. 3ª reimpressão. São Paulo.2013. Editora da Universidade de São Paulo.

SATO, D.P. Da cidade sustentável para periferia multiespécie. In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 118-130.

SILVA, C.G As mulheres do Keralux e seus animais de companhia: uma entre tantas relações de afeto na periferia. In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 212-219.

SOUZA, Dayane Pereira de. Laços entre animais Souza In: Baquero, Oswaldo Santos e Peçanha, Érica (organizadores), 1 ed., Comunidades e famílias multiespécies: aportes à saúde única em periferias. São Paulo: Amavisse, 2021, 182-186.

TATIBANA, L. S.; COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário [Versão Eletrônica]. V&Z em Minas. Revista Veterinária e Zootecnia em Minas, v. 103, n. 1, p. 12-18, 2009. Disponível em: <<https://crmvmg.gov.br/RevistaVZ/Revista03.pdf>>. Acesso em: 20 dezembro/2023.

VASCONCELOS, A. C. F. de; CÂNDIDO, G. A.; FREIRE, E. M. X. Vulnerabilidade socioambiental: proposição de temas e indicadores para cidades brasileiras. Gaia Scientia, [S. l.], v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/43357>. Acesso em: 05 nov. 2023.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE OBSERVAÇÃO DAS FAMÍLIAS
MULTIESPÉCIES**

1- Existem animais de companhia ou domésticos no domicílio?

2- Esses animais interagem diretamente com as crianças?

3- Em que frequência ao dia esses animais têm contato direto com as crianças?

4- As crianças brincam com esses animais?

5- Os animais saem pra rua? (risco de zoonoses para as crianças)

6- Os animais apresentam visivelmente ectoparasitas (pulgas, carrapatos e sarna)
